

Tomando a extrema-direita à sério: uma crítica das análises sobre política e desinformação na contemporaneidade¹

Leonardo De Marchi²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Alexandre Kubrusly Bornstein³

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

Neste artigo, propomos discutir algumas recentes teorias sobre a adesão das massas às propostas da nova extrema-direita. O objetivo é analisar as matrizes teóricas de tais análises a fim de demonstrar que elas dão continuidade a preceitos estabelecidos pela psicologia das multidões, tomando as massas como objeto de manipulação ideológica devido a sua forma primitiva de pensamento. A partir de uma revisão bibliográfica, tentamos demonstrar como algumas das mais comentadas reflexões sobre desinformação e política insistem em descrever as massas como *infantilizadas*, estando prontas a serem enganadas através das plataformas digitais. Na conclusão, sustentamos uma abordagem que prefere conceber as massas como pensantes e ativas na formulação de suas demandas sociais.

Palavra-chave: nova extrema-direita; desinformação; teoria social; história das ideias.

Desde que a chamada *nova extrema-direita* ganhou protagonismo no cenário político internacional, muitos estudiosos passaram a analisar esse fenômeno como sendo um tipo de *degeneração* das democracias liberais. Um dos elementos mais destacados por os analistas era a comunicação desses ativistas políticos, baseada em falas aparentemente descoladas da realidade e com um uso intensivo de mentiras em forma de notícia que viralizavam através das mídias sociais – o que ficou conhecido como *fake news*. Essa característica fez com que a *intelligentsia* tanto liberal quanto de esquerda diagnosticasse a adesão das massas à agenda da nova extrema-direita como uma expressão de incapacidade de raciocínio coletivo diante da conjuntura política de fato

1 Trabalho apresentado no GP 31 de Teorias da Comunicação do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Doutor em Comunicação e Cultura, professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura – UFRJ. E-mail: leonardodemarchi@gmail.com

3 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: kubrusly.a@gmail.com

complexa, graças ao efeito ludibriador dos sistemas de comunicação digital. Progressivamente, viu-se ideias como *filtro-bolha* (Pariser, 2012) ou *câmaras de eco* (Bakir e McStay, 2017) serem propostos para explicar como os algoritmos das plataformas sociais poderiam criar um sistema delirante que produzia um efeito narcotizante nas massas. O passo seguinte foi tentar reabilitar diagnósticos sobre a incapacidade das massas de pensar, desde o conceito behaviorista de *dissonância cognitiva* (Rocha, 2024) até o cibernético de *populismo digital* (Cesarino, 2022).

Um olhar atento a tal debate permite notar que, apesar da disparidade de referenciais teóricos mobilizados (funcionalismo, marxismo, cibernética, entre outros), tais argumentos reeditam os pressupostos criados há mais de um século pela disciplina da *psicologia das multidões*: as massas são incapazes de discernir entre realidade e imaginação posto que seu raciocínio opera por associações simples de ideias (Le Bon, 2018). Isso as torna suscetíveis à manipulação de suas opiniões através de influenciadores que se controlam os meios de comunicação – um pressuposto das teorias funcionalistas da comunicação, as quais são, aliás, herdeiras da psicologia das multidões. Não queremos negar que os indivíduos sejam enganados por notícias falsas ou mesmo que tenham avaliações equivocadas sobre a conjuntura da política atual e acabem aderindo à pauta da extrema-direita. No entanto, quando se observa que a extrema-direita fincou raízes numa parte significativa do eleitorado de diversos países, sendo transversal a recortes de classe, raça e gênero, isso deveria indicar que a hipótese do *falseamento da realidade* é, no mínimo, insuficiente para explicar esse fenômeno político – inclusive no que concerne à crença em *fake news*.

Neste artigo, propomos realizar uma genealogia dos pressupostos de algumas das teorias sobre desinformação e política na contemporaneidade, dando atenção às explicações sobre a adesão das massas às propostas da extrema-direita. Nosso objetivo é revelar como muitas das discussões atualizam, mesmo que inadvertidamente, preceitos desenvolvidos pela psicologia das multidões e suas derivações no século XX, como as teorias funcionalistas da comunicação de massa. Iniciamos a análise com a apresentação de algumas explicações sobre a adesão das massas à extrema-direita. Em seguida, buscamos demonstrar com tais argumentos ecoam pressupostos gerados pela psicologia das multidões e a comunicação de massa. Por fim, sustentamos outra abordagem

possível, de inspiração pós-estruturalista, que prefere conceber os agentes sociais como pensantes e ativos na formulação de suas demandas sociais, pese a adesão a projetos políticos que são, em última instância, autoritários e reacionários.

Referências

BAKIR, V.; MCSTAY, A. Fake news and the economy of emotions: problems, causes, solutions. **Digital Journalism**, v. 6, n. 2, p. 154-175, 2017.

CESARINO, L. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

LE BON, G. **Psicologia das multidões**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

PARISER, E. **O filtro invisível**: o que a Internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.